



26 de Maio de 2009

Índice Sintético de Desenvolvimento Regional

2006

Os resultados do ISDR, reportados a 2006, revelam que apenas cinco, em 30 sub-regiões - por ordem hierárquica, Grande Lisboa, Pinhal Litoral, Baixo Vouga e, marginalmente, Beira Interior Sul e Baixo Mondego - superavam a média nacional em termos do *índice global de desenvolvimento regional*.

Os resultados reflectem uma imagem assimétrica do País, em termos de *desenvolvimento global* e de *competitividade*, mas mais equilibrada do ponto de vista da *coesão* e, ainda que em menor escala, mais equilibrada também do ponto de vista da *qualidade ambiental*. A existência de assimetrias inter-regionais mais intensas na *competitividade* reflecte, todavia, um processo em que, entre 2004 e 2006, 17 sub-regiões convergiram relativamente ao nível de desempenho nacional.

Na *competitividade* é saliente a diferenciação entre o Litoral e o Interior, com dominância do Litoral. Este padrão também caracteriza a *qualidade ambiental*, embora invertido face à *competitividade*, com o Interior a revelar desempenhos mais favoráveis. Na *coesão*, uma realidade mais equilibrada coexiste com alguma predominância de sub-regiões do Sul e centro Sul face ao Norte.

No âmbito de uma parceria que permitiu combinar as valias de ambas as instituições nos domínios das estatísticas e da análise territorial, o *Instituto Nacional de Estatística* e o *Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais* disponibilizam um indicador que, sintetizando o desenvolvimento regional nas diversas vertentes, se afigura útil para apoiar a análise de contexto das políticas públicas territorializadas ou com impactos diferenciados no território, bem como servir de base de trabalho para múltiplos agentes interessados nas questões do território.



Conceptualização do Índice Sintético de Desenvolvimento Regional

As problemáticas do desenvolvimento regional situam-se hoje, e cada vez mais, num plano muito diferente do passado:

- no que se refere ao seu contexto - marcado pela globalização, pela integração económica internacional e pela crescente concorrência entre territórios, bem como pela crescente relevância das questões ambientais; e,
- no que se refere aos seus paradigmas - mediante a passagem da concepção de políticas assistencialistas aos territórios menos desenvolvidos com as quais se pretendia alcançar a equidade de condições de vida (coesão económica e social), para a concepção das políticas visando atribuir aos territórios equidade nas condições para a competitividade e coesão com as quais se constrói o desenvolvimento sustentável (coesão territorial).

Tomando a perspectiva da coesão territorial, no sentido em que exprime a concepção de sustentabilidade do desenvolvimento assente numa tripla dimensão (sustentabilidade económica, social e ambiental), o índice sintético que agora se apresenta assenta numa estrutura tridimensional em que o desenvolvimento global de cada região (expresso no *índice global de desenvolvimento regional*) resulta dos desempenhos regionais em três componentes essenciais:

- a *competitividade* que propicia capacidade de penetração nos mercados e crescimento económico;
- a *coesão* que, em resultado de níveis aceitáveis de equidade de condições de vida, propicia condições sociais para a reprodução social e económica sustentável e para a atractividade dos territórios; e,
- a *qualidade ambiental*, expressa numa dupla e integrada perspectiva de condições ambientais de vida na região e de sustentabilidade ambiental dos processos de desenvolvimento económico, social e territorial.

Para cada componente, contam factores de ordem diferenciada mas indispensáveis à expressão da noção de desenvolvimento e interactuantes: potencialidades (as condições para o desenvolvimento), comportamento dos actores políticos, económicos e sociais (os processos) e eficácia em termos de resultados.

Operacionalização do Índice Sintético de Desenvolvimento Regional

Os índices sintéticos assentam em conjuntos de indicadores que devem exprimir as várias dimensões do desenvolvimento que se pretende representar, pelo que, além da relevância analítica para a componente cuja dimensão do desenvolvimento se pretende exprimir, devem estar disponíveis para o período de referência e desagregação territorial do índice.

Os indicadores devem, ainda, obedecer às seguintes condições:



- relativização da dimensão regional, para evitar distorções resultantes das diferentes dimensões das regiões; e,
- normalização para, na sua agregação, evitar enviesamentos resultantes das diferentes unidades de medida e escalas de variação o que, no ISDR, foi feito por recurso sequencial a dois métodos:
 - estandardização estatística (*z-score*), para a normalização estatística propriamente dita; e,
 - reescalonamento *minmax* para deslocação dos indicadores normalizados para intervalos de variação positivos.

Pelo modo como aqueles métodos foram aplicados, o ISDR é susceptível de apoiar análises temporais baseadas na avaliação de mudanças de posições hierárquicas e na evolução dos próprios desempenhos regionais, nomeadamente face ao desempenho nacional.

A agregação dos indicadores em componentes, e das componentes no índice global, foi feita por média simples, e os índices são apresentados no seu reporte à média nacional (índices referenciados ao desempenho de Portugal), facilitando a sua interpretação.

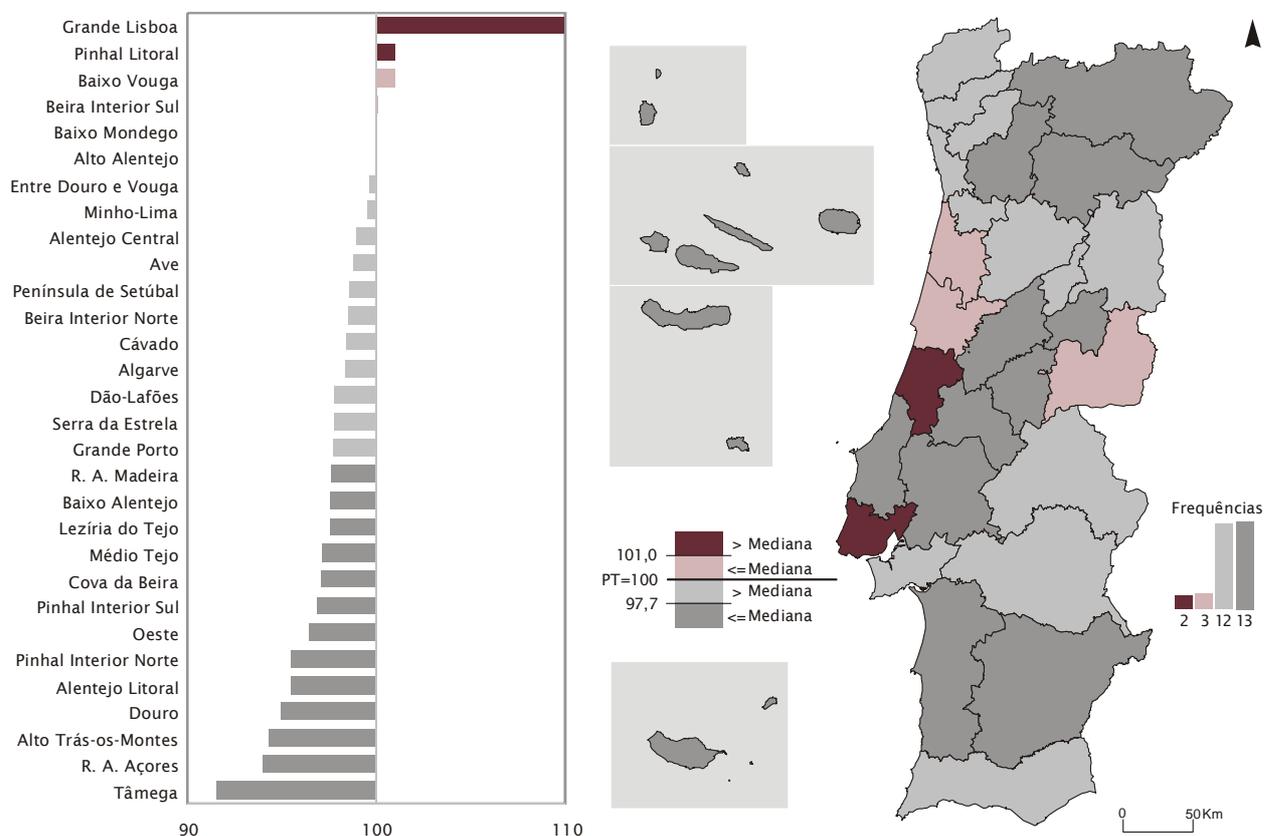
Análise dos resultados do Índice Sintético de Desenvolvimento Regional

O desempenho das sub-regiões NUTS III em 2006

Os resultados do ISDR, reportados a 2006, reflectem uma imagem assimétrica do País, em termos de *desenvolvimento global* e de *competitividade*, mas mais equilibrada do ponto de vista da *coesão* e, ainda que em menor escala, mais equilibrada também do ponto de vista da *qualidade ambiental*, embora neste último caso com um maior número de sub-regiões com desempenho superior à média nacional. Deste modo, em 30 sub-regiões, situavam-se acima da média nacional:

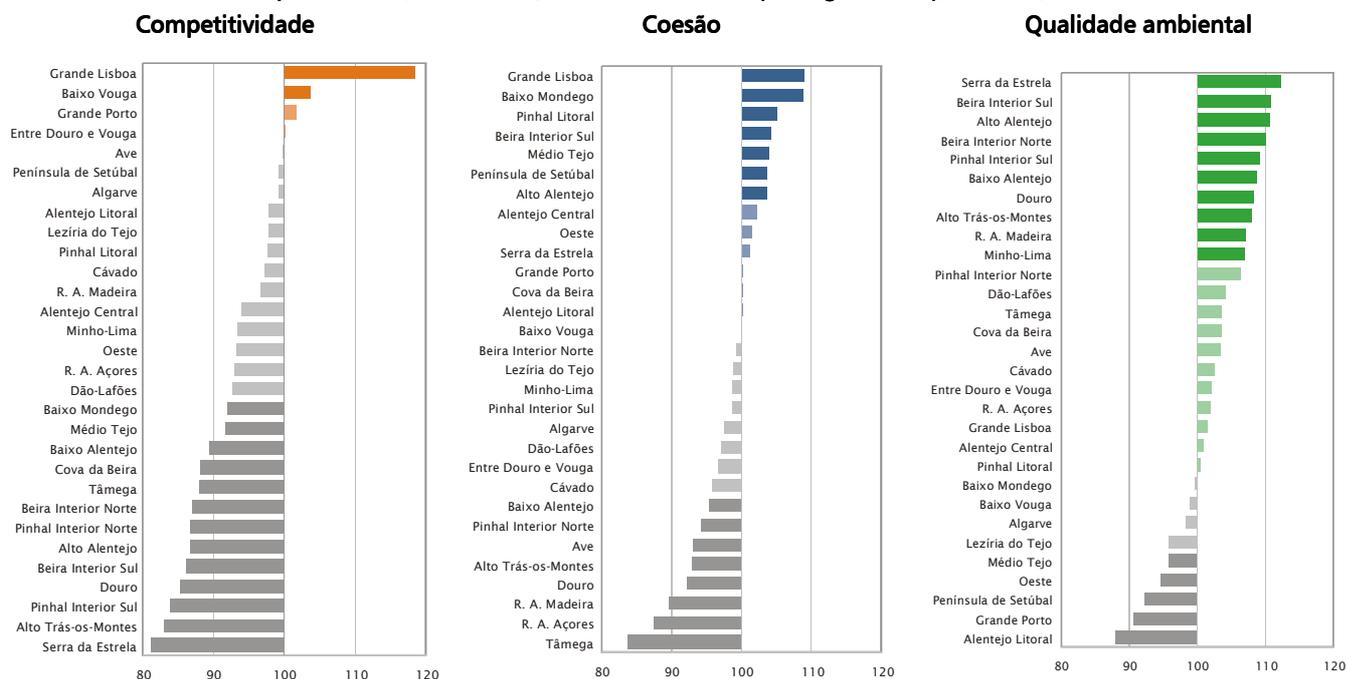
- no *índice global de desenvolvimento regional*, apenas cinco sub-regiões - por ordem hierárquica, Grande Lisboa (109,91), Pinhal Litoral (101,03), Baixo Vouga (101,00) e, marginalmente, Beira Interior Sul (100,05) e Baixo Mondego (com um desempenho semelhante ao do conjunto do País);

Índice global de desenvolvimento regional (Portugal = 100), NUTS III, 2006



- no *índice de competitividade*, apenas quatro sub-regiões - Grande Lisboa (118,54), Baixo Vouga (103,69), Grande Porto (101,75) e Entre Douro e Vouga (100,13), ainda que esta última sub-região se encontre limiarmente acima da média nacional e o desempenho da Grande Lisboa se destaque face ao das restantes;
- no *índice de coesão*, 14 sub-regiões destacando-se as seguintes - Grande Lisboa (108,94), Baixo Mondego (108,83), Pinhal Litoral (105,14), Beira Interior Sul (104,22), Médio Tejo (104,03), Península de Setúbal (103,67) e Alto Alentejo (103,65); e,
- no *índice de qualidade ambiental*, 21 sub-regiões, evidenciando-se o seguinte conjunto - Serra da Estrela (112,32), Beira Interior Sul (110,86), Alto Alentejo (110,65), Beira Interior Norte (110,15), Pinhal Interior Sul (109,26), Baixo Alentejo (108,79), Douro (108,29), Alto Trás-os-Montes (108,00), Região Autónoma da Madeira (107,11) e Minho-Lima (107,01).

Competitividade, Coesão e Qualidade ambiental (Portugal = 100), NUTS III, 2006



Sublinhe-se o facto de as componentes *coesão* e *competitividade* apresentarem uma correlação expressiva com o *desenvolvimento global* (de 0,7, em ambos os casos) enquanto a *qualidade ambiental* apresenta uma correlação quase nula com o *índice global de desenvolvimento regional*, traduzindo-se na inexistência de associação entre os desempenhos das sub-regiões NUTS III ao nível da *qualidade ambiental* e do *índice global de desenvolvimento*. Por outro lado, tanto a *competitividade* como a *coesão* apresentam uma correlação negativa com a *qualidade ambiental* que é mais intensa no primeiro caso.

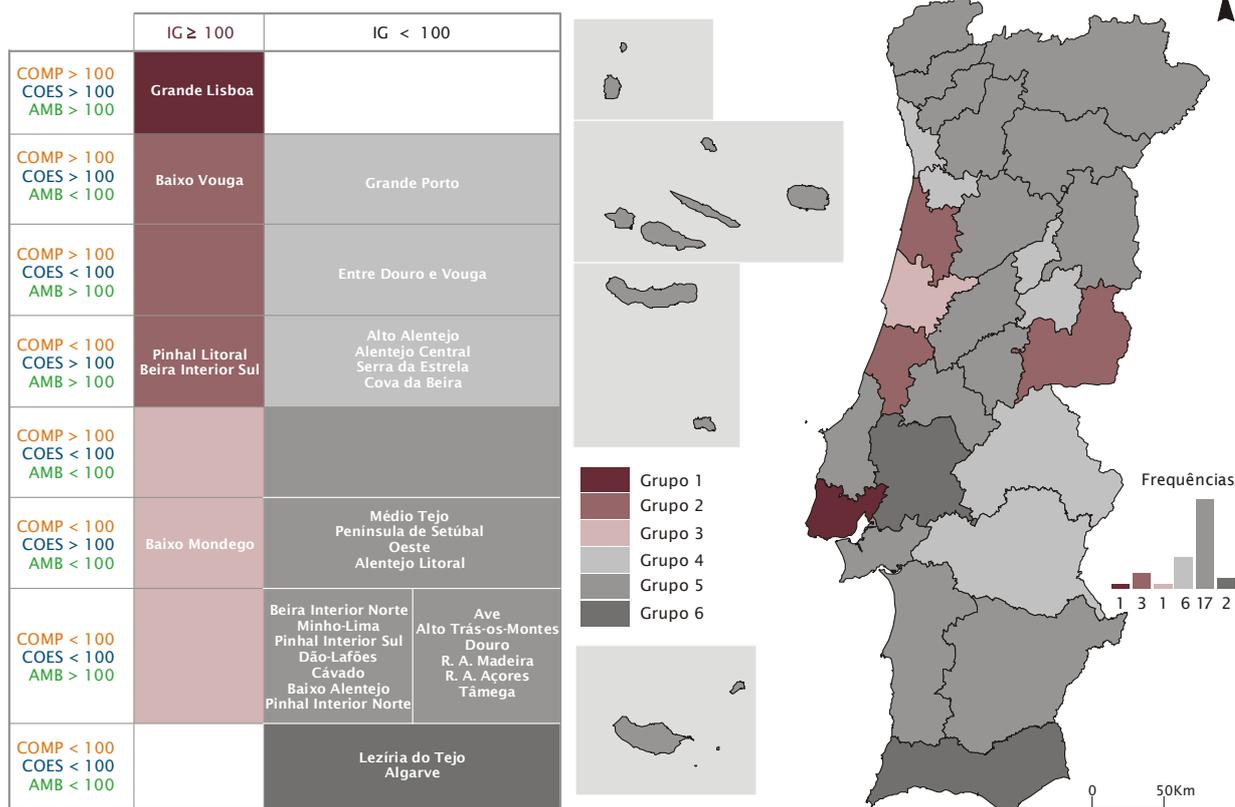
Matriz de correlações, 2006

	Índice global	Competitividade	Coesão	Qualidade ambiental
Índice global	1,0			
Competitividade	0,7	1,0		
Coesão	0,7	0,3	1,0	
Qualidade ambiental	0,0	-0,6	-0,2	1,0

A Grande Lisboa é a única sub-região que se situa acima da média em todos os índices que constituem o ISDR, sendo a Lezíria do Tejo e o Algarve as únicas sub-regiões que se situam abaixo da média em todos os índices. O facto de não haver mais sub-regiões com comportamentos homogéneos em todos os índices afigura-se expectável tendo em conta as tensões entre os fenómenos representados em cada uma das componentes, o que é revelador da complexidade do desenvolvimento regional, quando interpretado sob uma perspectiva multidimensional.

Em 2006, a norma dos desempenhos das sub-regiões portuguesas, verificada em 13 NUTS III, caracterizava-se por territórios menos competitivos e coesos que o conjunto país mas com uma qualidade ambiental superior à verificada ao nível nacional.

Índice global de desenvolvimento regional (IG), competitividade, coesão e qualidade ambiental: situação face à média nacional (Portugal = 100), NUTS III, 2006



A evolução das sub-regiões NUTS III entre 2004 e 2006

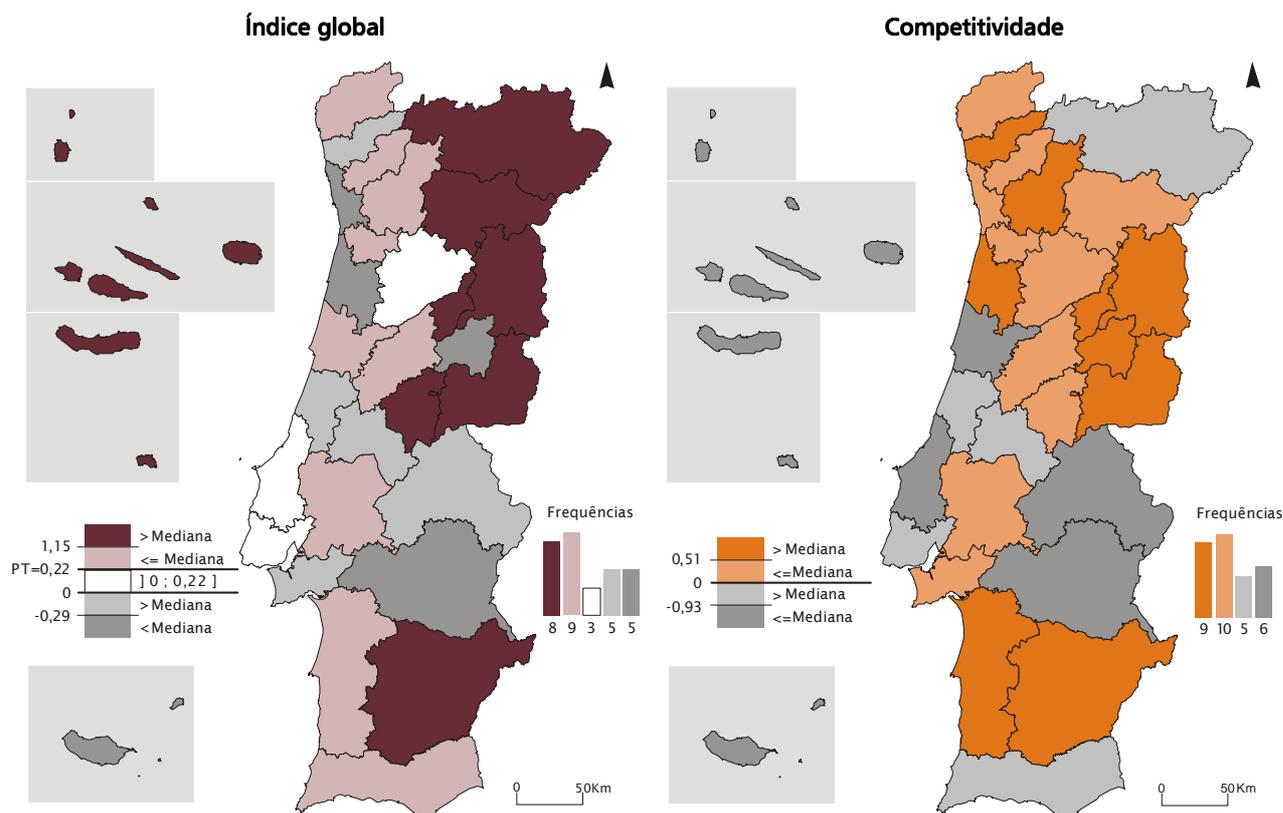
Na evolução dos resultados do ISDR entre 2004 e 2006, há a assinalar:

- ao nível do País, o índice que registou maior crescimento foi o da *qualidade ambiental*, com 1%, seguindo-se

o *índice global* e o *índice de competitividade* com valores positivos mas inferiores, respectivamente, 0,2% e 0,1%. O *índice de coesão* registou um decréscimo de 0,4%;

- no caso do *índice global de desenvolvimento regional*, 17 sub-regiões registaram uma variação do desempenho superior à média, tratando-se na sua maioria de sub-regiões do Interior que, em 2004, registavam desempenhos inferiores à média;
- no caso do *índice de competitividade*, 19 sub-regiões registaram uma variação do desempenho superior à média (sendo sete do Litoral) e, das três sub-regiões que em 2004 registavam um desempenho superior à média, o Baixo Vouga e o Grande Porto cresceram acima da média, enquanto a Grande Lisboa cresceu abaixo desse referencial;

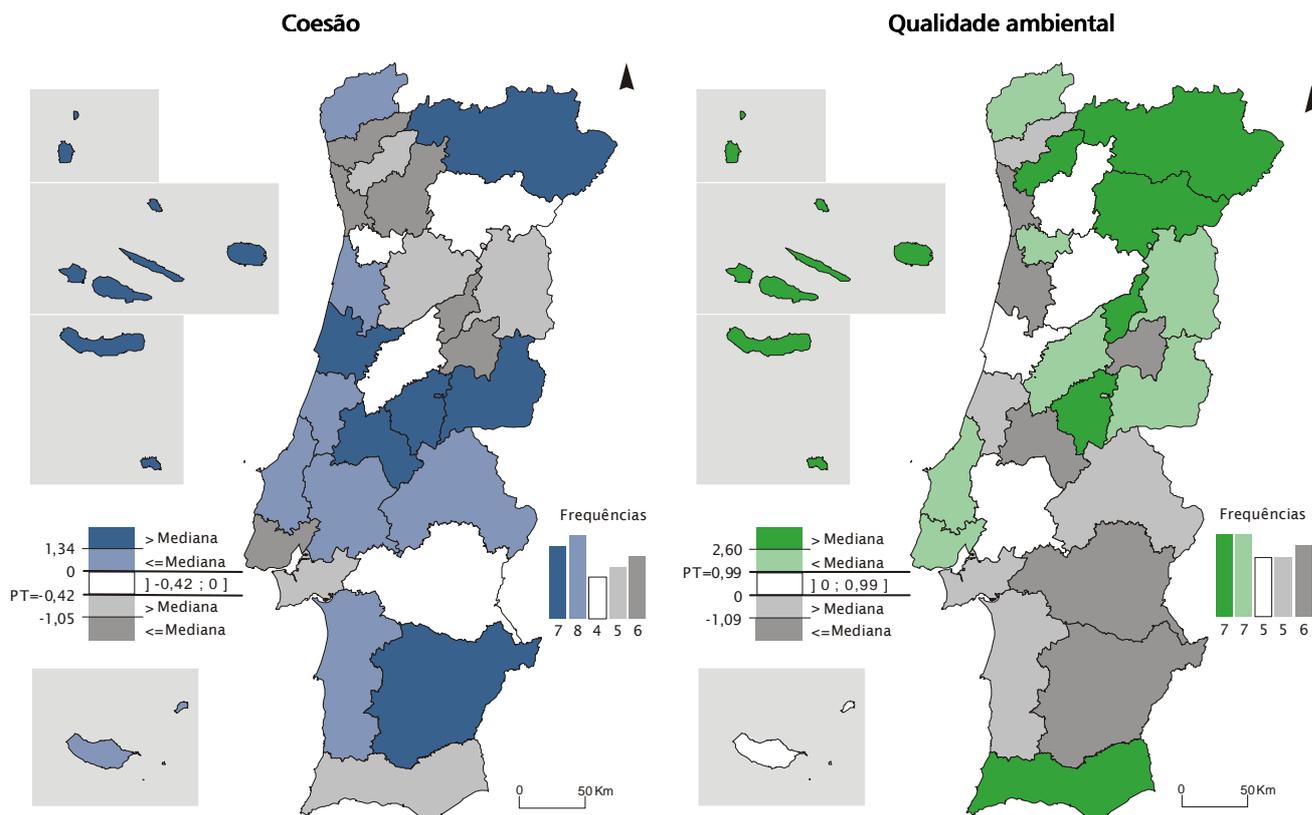
Taxa de variação do desempenho entre 2004 e 2006, NUTS III



- no caso do *índice de coesão*, 19 sub-regiões cresceram acima da média, embora apenas 15 tenham registado uma evolução positiva. Das sub-regiões que em 2004 estavam abaixo da média, os desempenhos pioraram em cinco sub-regiões do Norte (Entre Douro e Vouga, Douro, Ave, Cávado e Tâmega) e em três do Interior Centro (Pinhal Interior Norte, Dão-Lafões e Beira Interior Norte), para além do Algarve; e,

- na *qualidade ambiental*, 19 sub-regiões registaram taxas de variação do desempenho positivas, embora apenas em 14 casos acima da média nacional. Destas últimas, quatro situavam-se abaixo da média nacional em 2004 e eram do Litoral (Algarve, Grande Lisboa e Oeste) ou insulares (Região Autónoma dos Açores).

Taxa de variação do desempenho entre 2004 e 2006, NUTS III



Taxa de variação do desempenho em Portugal e comportamentos das sub-regiões entre 2004 e 2006

	Índice global	Competitividade	Coesão	Qualidade ambiental
Portugal	+0,22%	+0,12%	-0,42%	+0,99%
Variações acima da média nacional	17	19	19	14
Variações positivas	20	19	15	19
Maiores variações positivas	Pinhal Interior Sul Douro Baixo Alentejo	Baixo Alentejo Beira Interior Norte Tâmega	R. A. Açores Pinhal Interior Sul Baixo Mondego	Douro R. A. Açores Pinhal Interior Sul
Maiores variações negativas	Cova da Beira Alentejo Central R. A. Madeira	R. A. Madeira R. A. Açores Baixo Mondego	Tâmega Cova da Beira Grande Porto	Baixo Vouga Cova da Beira Médio Tejo

Atendendo às variações de distância face à média nacional entre 2004 e 2006, é possível concluir sobre comportamentos convergentes (aproximação à média) e divergentes (afastamento da média):

- no caso do *índice global de desenvolvimento regional*, apenas nove sub-regiões registaram divergência face à média, destacando-se as trajectórias da Cova da Beira, da Região Autónoma da Madeira e do Grande Porto;
- no caso da *competitividade*, a divergência aconteceu em 13 sub-regiões, evidenciando-se o afastamento relativamente à média nacional registado na Região Autónoma da Madeira, na Região Autónoma dos Açores e no Baixo Mondego;
- no caso da *coesão*, a divergência ocorreu em 13 sub-regiões, salientando-se, em particular, a evolução registada no Baixo Mondego, no Médio Tejo e na Beira Interior Sul, na sequência de uma taxa de variação do desempenho positiva; e,
- no caso da *qualidade ambiental*, 18 sub-regiões registaram um distanciamento face à média nacional, destacando-se os comportamentos verificados no Douro, no Pinhal Interior Sul e na Serra da Estrela, em resultado de uma taxa de variação do desempenho positiva.

Sub-regiões em processo de convergência/divergência face à média nacional entre 2004 e 2006

	Taxa de variação do desempenho	Índice global	Competitividade	Coesão	Qualidade ambiental
Em convergência	acima da média nacional	17	16	12	2
	abaixo da média nacional	4	1	5	10
Em divergência	acima da média nacional	0	3	7	12
	abaixo da média nacional	9	10	6	6
Convergências mais significativas		Pinhal Interior Sul Douro Baixo Alentejo	Baixo Alentejo Beira Interior Norte Alentejo Litoral	R. A. Açores Pinhal Interior Sul Baixo Alentejo	Cova da Beira Alentejo Central Baixo Alentejo
Divergências mais significativas		Cova da Beira R. A. Madeira Grande Porto	R. A. Madeira R. A. Açores Baixo Mondego	Baixo Mondego Médio Tejo Beira Interior Sul	Douro Pinhal Interior Sul Serra da Estrela